

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA MÚSICA: UMA EXPERIÊNCIA NO
ESPAÇO CULTURAL DA GROTA

THIAGO DE SOUZA MONTEIRO

RIO DE JANEIRO, 2016

Inclusão social através da música: uma experiência no Espaço Cultural da
Grotta

por

Thiago de Souza Monteiro

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Música sob a orientação da Prof.^a Adriana Miana de Faria.

Rio de Janeiro, 2016

A quem dedico toda a transformação da minha vida:

Espaço Cultural da Grotta

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Vera Lúcia de Souza, minha irmã gêmea Thais de Souza Monteiro, meu irmão Elton de Souza Monteiro, à minha cunhada Raquel de Souza Loureiro, ao meu pai Hércio Monteiro (*in memoriam*), que nunca duvidaram de que a música pudesse transformar minha vida.

Ao Padre Pedro Pereira de Moraes, por ter levado a experiência do Espaço Cultural da Grota até a nossa paróquia.

Ao Espaço Cultural da Grota, por promover tal experiência através de seus alunos, professores e colaboradores.

À Lenora Pinto Mendes e Márcio Selles, por toda dedicação à construção e sustentação deste espaço.

À Cecília Miranda Ponte e Carlos Alberto Farah, por serem os responsáveis pela disseminação desta experiência do Espaço Cultural da Grota através do projeto Multiplicando Talentos e por todo carinho e assistência que investem no Núcleo Apolo II da Orquestra de Cordas da Grota.

Aos professores que iniciaram o Multiplicando Talentos no Apolo II, Anderson Pereira da Silva e Mayara Ferreira Feitosa, que foram os primeiros grandes mestres deste local.

À Diana Pazzini e Grazielle Pessanha Bragança de Carvalho, amigas de infância que iniciaram comigo essa trajetória musical. Ingressamos juntos na universidade, cada um em uma Universidade Federal distinta e hoje somos a equipe de professores do Núcleo Apolo II.

À querida amiga, professora e orientadora Adriana Miana que me recebeu muito bem na UNIRIO e sem ainda me conhecer foi sensível e atenciosa ao perceber minhas dificuldades como aluno e é a pessoa mais importante para minha trajetória dentro da Universidade. Criou o projeto Extensão Percepção, mudou os horários de sua disciplina e fez tudo o que pode pra me ver vencendo esta etapa da minha vida.

À Marluce Ferreira, que também com sua sensibilidade e vontade de ajudar, tornou-se grande amiga e colaborou diretamente para meu crescimento na técnica instrumental tornando-se minha professora de violino e colaborando com o projeto de extensão no Espaço Cultural da Grota.

A todas as pessoas que me ajudaram direta e indiretamente, aos que colaboram com o Espaço Cultural da Grota e a Deus, por prover todas as oportunidades em nossas vidas.

MONTEIRO, Thiago de Souza. *Inclusão social através da música: uma experiência no Espaço Cultural da Grotta*. 2016. Monografia (Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Essa monografia realizou um estudo sobre como o Espaço Cultural da Grotta promove uma inclusão social de seus alunos através da música, contribuindo para que cheguem à universidade, principalmente nos cursos de graduação em música das universidades do Rio de Janeiro de acordo com o plano de formação estruturado pelo ECG. Foi intenção também levantar dados para saber como deu-se início ao curso técnico em teoria musical ministrado neste espaço e, após o ingresso na graduação, como a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro atua através do projeto de extensão universitária *Percepção* dentro do Espaço Cultural da Grotta para solidificar a formação neste contexto prévio à universidade.

Palavras chaves: Inclusão Social em ONGs, Acesso à universidade através de projetos sociais, Espaço Cultural da Grotta (ECG e OCG), Educação musical, Formação musical e Projeto de Extensão Universitário: *Percepção*.

INTRODUÇÃO

Este estudo compreende a atuação de ONGs e Projetos Sociais baseados no ensino de música para jovens de comunidades e sua contribuição para o acesso destes à universidade.

A escolha do tema está relacionada à minha experiência musical, sobre como comecei a estudar música, como tive acesso a esse conteúdo e quais meios me tornaram apto para o acesso à universidade e me proporcionaram uma inclusão e uma formação acadêmica e além disso, uma observância sobre outros jovens que também ingressaram na universidade através das ações da ONG Reciclarte localizada em Niterói com o nome fantasia de Espaço Cultural da Grotta.

De acordo com o contexto estudado, esta pesquisa pretende responder as seguintes questões: Como teve início o ECG? Como a atuação deste projeto interfere e modifica a vida dos participantes? Como a ONG atinge e interfere em comunidades de outras cidades? Qual a estrutura de formação musical desse projeto? Este trabalho possibilita o ingresso na universidade? Como a universidade lida com esses alunos oriundos de projetos sociais?

O objetivo da pesquisa é compreender o papel da música e seus conteúdos no Espaço Cultural da Grotta e o processo de desenvolvimento musical dos participantes deste projeto a partir de sua estrutura de formação e como eles se tornam aptos a ingressar na universidade para os cursos de licenciatura e bacharelado em música.

A literatura pesquisada gira em torno de trabalhos que mencionam a música como carro chefe de uma transformação social na vida de jovens que residem em áreas de vulnerabilidade social em todo país e especificamente trabalhos de alunos e ex-alunos que viveram uma transformação social a partir da experiência oferecida no Espaço Cultural da Grotta.

Durante a pesquisa foram encontrados trabalhos que tratam o tema como uma importante ferramenta social de inclusão e profissionalização dos participantes de projetos sociais. Existem artigos, monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado que contemplam a importância do fazer musical como uma possibilidade de mudança de vida dos integrantes, a quem esses projetos sociais são direcionados. Dentre os trabalhos encontrados, destacam-se autores como: Kater (2014) que identifica a música como “elemento de integração social”.p.44; Penna, Barros e Melo (2012) reconhecem que “a música tem sido bastante valorizada em projetos voltados para a inserção

social”.p.63 ; Seabra (2011) que é ex-aluna do projeto da Grotta, cita sua própria experiência e a de seus amigos que fazem parte desta ONG em Niterói; Kleber (2006) contempla “[...] ONGs e projetos sociais onde se observa uma significativa oferta de práticas musicais ligadas ao trabalho com jovens adolescentes em situação de exclusão ou risco social” e “[...] são capazes de mobilização sociopolítica e, nesse contexto, as práticas musicais podem redefinir fronteiras culturais e estéticas predominantes”. p.116.; Ribeiro (2012), com seu trabalho sobre uma ONG no Maranhão e Kleber (2011) onde correlaciona a interação entre projetos sociais citando o Espaço Cultural da Grotta como ferramenta importante no trabalho de inclusão social através da música numa região de “favela” em Niterói.

Foi no ano de 2007 que assisti o primeiro concerto de uma orquestra, algo que até então pensava ser inalcançável para os moldes de vida que eu tinha, mas que desde a infância eu ouvia música sinfônica na rádio e já pensava que seria impossível algum tipo de contato direto e pessoal, apesar de desejá-lo. No entanto, a orquestra que realizava o concerto era a orquestra de uma ONG fundada em Niterói, e que através do Padre Pedro Pereira de Moraes¹ iniciou na paróquia, que frequento, na cidade de Itaboraí, cerca de 30km de distância da sede do projeto, um novo núcleo de ensino de música para os jovens da comunidade próxima à paróquia, ministrando aulas de flauta doce para uma iniciação à leitura de partitura e sendo objetivado o ensino de instrumentos de cordas friccionadas, principalmente o violino. Numa entrevista concedida por mim a um ex-aluno do ECG, relato a minha reação inicial no primeiro contato com a orquestra da Grotta. “Quando eu assisti, fiquei muito impressionado, porque era uma orquestra na minha frente, coisa que eu nunca tinha visto. Aí na mesma hora eu falei: vou fazer essa aula, não quero nem saber de nada. Aí eu comecei a fazer aula [...], 14 para 15 anos” (OLIVEIRA,2016). Desta forma eu tive o primeiro contato formal com o conteúdo da música sem prever as mudanças e transformações que ocorreriam em minha vida.

A metodologia escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica sobre projetos sociais no Brasil que abordam a inclusão social através da música e principalmente uma bibliografia sobre a Espaço Cultural da Grotta, que tem como objetivo o ensino de música para uma mudança e contribuição social, numa abordagem qualitativa, além de entrevista semiestruturada a ser realizada com os coordenadores selecionados do próprio projeto em questão. Para as entrevistas realizadas

¹ Vide foto em anexo

com os coordenadores foi usado o aplicativo de *smartphone* para gravação e transcrição dos áudios obtidos. Todo processo de transcrição dos áudios obtidos nas entrevistas baseou-se numa “ ‘editoração cognitiva’, eliminando minimamente, quando necessário para a compreensão do texto ‘autocorreções, auto repetições, elipses e disfluências do falante’. ” [MARCUSCHI, 2002, apud KLEBER, 2006, p.54].

CAPÍTULO I

Considerações sobre Inclusão Social

Inclusão e exclusão social são termos opostos e que estarão presentes no decorrer deste trabalho como um dos pontos principais a serem testemunhados e argumentados. À luz de Pacievitch (2012), “Inclusão social” será compreendida a partir de uma perspectiva ampla na intenção de fundamentar toda esta pesquisa. Tal definição também é encontrada em Ribeiro (2012), citada em seu trabalho com uma ONG no Maranhão:

Inclusão social é um termo amplo, utilizado em contextos diferentes, em referência a questões sociais variadas. De modo geral, o termo é utilizado ao fazer referência à inserção de pessoas com algum tipo de deficiência às escolas de ensino regular e ao mercado de trabalho, ou ainda a pessoas consideradas excluídas, que não tem as mesmas oportunidades dentro da sociedade, por motivos como: condições sócio-econômicas, gênero, raça, falta de acesso a tecnologias (exclusão digital). (PACIEVITCH, 2012 apud RIBEIRO, 2012, p.6).

Com base nesta definição, podemos dizer que inclusão ou exclusão social é tudo o que se refere a oportunidades em contextos desiguais no sentido de acesso a lugares, conteúdos escolares ou culturais, serviços básicos da sociedade como saúde, educação, saneamento e coisas afins. Quando pensamos em nossa sociedade atual, não fica difícil perceber que temos uma sociedade deficiente em muitos aspectos. Quando falamos de ensino regular (escolas), de mercado de trabalho, de acesso à formação e à informação, sabemos que pesa na nossa sociedade um desequilíbrio. Podemos ver mais uma vez salientado por RIBEIRO (2012), que para viver numa sociedade, o indivíduo não só tem deveres a cumprir como cidadão, mas precisa também ter garantias de serviços mínimos, como por exemplo uma escolarização que dê aparatos para que alguém não somente viva na sociedade, mas que se torne sociedade.

Ser membro de uma sociedade significa não apenas ter certos direitos políticos e civis, mas também ter garantias quanto à satisfação de um conjunto básico de direitos humanos inerentes à dignidade humana ou de necessidades comuns à condição humana. (FERREIRA, 2000, apud RIBEIRO, 2012, p.7)

Essa afirmação levanta algumas questões importantes, uma delas se caracteriza em como a própria sociedade se responsabiliza e age para intervir nessas condições de desequilíbrio social levando em conta que os órgãos governamentais não atendem de forma igual as diferentes classes da sociedade. As regiões de favela são uma parte da sociedade desfavorecida economicamente e vulneráveis por não serem assistidas pelo governo, com isso, surgem iniciativas de organizações do terceiro setor que tem um foco

voltado para ação social nos locais onde as oportunidades de acesso à informação são precárias. Jovens, que são atingidos por essa desigualdade, nascem e crescem numa situação de defasagem de conhecimento, de cultura, de arte, interferindo em toda sua condição social e sem chance óbvia ou clara de uma expectativa de vida além do que ele vê no dia a dia. O bairro onde foi criado o Espaço Cultural da Grota é uma região de favela, uma realidade existente em todo país e se sabe, é onde se concentra uma parte da população nacional com os maiores índices de exclusão e vulnerabilidade social. Nesse sentido, é importante salientar que, segundo Katter (2004), nesses locais de grande vulnerabilidade social e regiões de favelas, é onde mais se precisa de ações no âmbito social de integração. Partindo deste pressuposto, detectamos que estes jovens são os que precisam de uma chance contra a desigualdade promovida em tais circunstâncias.

Esses jovens, justamente eles, são no entanto os que mais necessitam de inclusão cultural e intelectual, conduzida por presenças íntegras, no âmbito de um atendimento competente. Atendimento alimentado por iniciativas estimulantes de formação, que busquem auxiliá-los na preparação para a vida, tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional. Nesta ótica, a educação musical a eles oferecida (ao lado das oportunidades de maior contato, exploração e desenvolvimento de seus potenciais musicais) ao visar a promoção humana também os auxilia a se estruturarem e a se organizarem pessoalmente, a experimentarem novas modalidades de relacionamento, tomarem contato com outras ordens de valores e outros parâmetros de referência. Essa parece ser uma forma coerente e atual de assegurar condições de integração social com qualidade. (KATER, 2004, p.49).

O que tem acontecido atualmente é que ações privadas, partindo de organizações caracterizadas de terceiro setor (ONGs), estão agindo em favor dessa parte da população para que tenham uma nova chance de conhecer trajetórias diferentes dos caminhos percorridos por seus familiares, vizinhos e pessoas próximas. Podemos observar que a educação musical tem sido usada com frequência e se mostrado uma das ferramentas importantíssimas para mudança desse quadro social de desequilíbrio e desigualdade e garantindo uma integração social adequada.

Nesta ótica, a educação musical a eles oferecida (ao lado das oportunidades de maior contato, exploração e desenvolvimento de seus potenciais musicais) ao visar a promoção humana também os auxilia a se estruturarem e a se organizarem pessoalmente, a experimentarem novas modalidades de relacionamento, tomarem contato com outras ordens de valores e outros parâmetros de referência. Essa parece ser uma forma coerente e atual de assegurar condições de integração social com qualidade. (KATER, 2004, p.49).

Nesse sentido de inclusão social, nota-se o papel dos projetos sociais através das ONGs que vem trabalhando para melhorar a vida dos jovens que necessitam de mais do que é oferecido precariamente a eles por parte do governo. Num dado contexto histórico, a Organização não Governamental (ONG), “nasceu no pós-guerra e foi criada pela ONU’ para designar a associação de indivíduos que prestam serviços à sociedade, sem ter motivações ou fins lucrativos.” (Landim, 1993 apud GADELHA, 2014, p.12).

Duas ONGs, organizações do terceiro setor, foram investigadas por KLEBER (2006), estas usam a música como instrumento motivador e inclusivo para os jovens que são denominados socialmente excluídos.

O Terceiro Setor tem se apresentado como a dimensão da sociedade em que se proliferam os movimentos sociais organizados, ONGs e projetos sociais onde se observa uma significativa oferta de práticas musicais ligadas ao trabalho com jovens adolescentes em situação de exclusão ou risco social. (KLEBER, 2006, p.116).

A partir desses conceitos vamos ressaltar uma ONG que é patrimônio imaterial da cidade de Niterói e que ao longo de 20 anos vem interagindo modificando a vida de uma comunidade numa região de favela que vive o que chamamos de exclusão social mas, que encontra nessa ONG, um espaço cultural, de acesso a novos conhecimentos que serve de refúgio, alento e que apresenta a esse grupo um novo leque de possibilidades sociais e culturais construindo um caminho de profissionalização através das práticas musicais.

Essa é uma ação salientada por SANTOS (2007), que traz informação do quão importantes são esses movimentos e que estes vem crescendo ao longo dos últimos anos.

Assim, inseridas em âmbito não escolar, os projetos sociais na área da educação musical despontaram com toda força ao longo das últimas duas décadas, tomando significativas dimensões em nossa sociedade, buscando suprir as deficientes iniciativas socioculturais viabilizadas pelos governantes. Esses projetos, muitas vezes ligados a ONGs e outras instituições do terceiro setor, focam um ensino da música contextualizado com o universo sociocultural, tanto dos alunos quanto dos múltiplos espaços em que acontecem (SANTOS, 2007, p.3).

O ensino de música contextualizado com o universo cultural dos alunos é também uma marca do Espaço Cultural da Grota. O grande carro chefe desta ONG é o ensino de música sinfônica e uma prática musical voltada para instrumentos de cordas friccionadas e atividades em conjunto para esses jovens. Além dessa intenção, há execução de outros estilos musicais que são vivos na favela onde foi instalado o projeto, como por exemplo

o samba, funk, hip hop, o que significa que a música orquestral trabalhada no projeto não se torna uma obrigação, mas funciona como uma inclusão ao repertório local que não deixa de ser ouvido pelos alunos e moradores.

Foi observado que este repertório contrasta com as músicas ouvidas no cotidiano da comunidade da Grota. Geralmente, segundo os participantes do projeto, os moradores da Grota do Surucucu costumam ouvir, principalmente, funk e samba. O ECG, porém, não estabelece o repertório clássico como uma obrigatoriedade. Os alunos não são educados para ouvirem apenas um estilo de música. (SANTOS, 2016, p.98).

Ainda nessa perspectiva, KATER (2004), afirma o quão importante é o enriquecimento de repertório estimulado pelas ONGs, evidenciando os contrastes existentes na música e na cultura de épocas e povos diferentes.

O contato com músicas de outras regiões, épocas, povos e culturas é mais uma oportunidade de conhecimento de novas modalidades e características de pensamento, sensibilidade, gosto e função social, que a música pode assumir, do que adereço exótico de uma pretensa cultura geral. Simultaneamente à sua apreciação instala-se a condição especial para “des-ordinarizar” a visão que temos de “nossa própria” música (das manifestações já conhecidas e presentes na realidade pessoal cotidiana), ampliar sua definição e conceito e compreender, de maneira relativa, que o que todos fazemos, nós inclusive, pode ser sempre extraordinário. O que chamamos “normal” e “comum” só se mostra assim devido à falta de contrastes que favoreçam a amplitude, profundidade e intensidade de nosso próprio olhar, de nosso próprio ouvir. (KATER, 2004, p.45).

As práticas musicais vividas no projeto não se resumem apenas em aprender ou ensinar música, estas ações refletem no contexto social e educativo dos alunos participantes, de modo que o Espaço Cultural da Grota direciona esses jovens para profissionalização através da música, incentiva a continuidade na escola, visto que há uma grande evasão escolar na comunidade já citado em SILVA (2011) onde explicita uma situação em que os “jovens adolescentes estavam fora da escola e familiares estavam em situação de abandono.” Para além disso, SANTOS (2016) deixa claro o incentivo do Espaço Cultural da Grota junto aos seus alunos em relação à sua permanência na escola básica.

Dentro deste aspecto o Espaço Grota visa além do ensino musical, construir condições socioculturais para que crianças e adolescentes de baixa renda, expostos à violência identifiquem neste espaço um locus, no qual eles possam encontrar um ponto de apoio

pessoal através de atividades em grupo, aulas de música, artes plásticas, reforço escolar. Desse modo, o projeto também se constitui como um espaço que propicia, em certa medida, motivar os adolescentes e crianças a não abandonarem as suas escolas, embora não seja este o intento principal do Espaço Grotta. (SANTOS, 2016, p.88).

Como visto, o Espaço Cultural da Grotta tem um papel importante na inclusão social de muitos jovens incentivando sua permanência na escola e construindo relações culturais ao redor do ensino de música e realizando com eles a consciência de que são e fazem parte da sociedade e é um ponto de apoio pessoal para que esses jovens trilhem caminhos diferenciados à sua realidade significando que é possível realizar uma inserção sociocultural eficaz através das práticas musicais encontradas nesse projeto. Além de incentivar os alunos na continuidade da escola básica, a ONG conta com uma estrutura de ensino de música que dá aparatos técnicos para o ingresso na universidade com cursos de formação e obteve ao longo de sua história parcerias com instituições privadas de ensino técnico e superior para graduação em música e a partir de um dado momento na trajetória do Espaço Cultural da Grotta, os alunos começaram a se inserir nas universidades públicas federais do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO II

2.1 O Espaço Cultural da Grotta (ECG)

O Espaço Cultural da Grotta é um projeto social conhecido dentre os demais pelo trabalho que realiza, é ato concreto de interação social marcado em Niterói, pois se tornou patrimônio imaterial da cidade.

Esse trabalho vem se destacando em reconhecimentos e premiações: a Orquestra, em 2004, e o projeto Multiplicando Talentos, em 2006, receberam o Prêmio Cultura Nota 10 do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Prêmio de Direitos Humanos Aluisio Palhano – PMN 2005. Foi também semifinalista do Prêmio Itaú-Unicef e Todos pela Educação em 2007. Em 2008 recebeu o Título de Utilidade Pública concedido pela Prefeitura de Niterói e Prêmio da Cultura 2009 - Música Erudita, Governo do Estado do Rio de Janeiro. (ESPAÇO CULTURAL DA GROTA, 2016).

Sobre este projeto, também podemos encontrar uma vasta literatura que aborda com detalhes os seus feitos e a sua trajetória. Não é intenção recontar toda história já escrita que pode ser encontrada sobre este espaço (OLIVEIRA 2011; SILVA 2011; GADELHA 2014; SANTOS 2016; OLIVEIRA 2016) mas não posso deixar de salientar aqui a grande importância destes trabalhos e usá-los para embasar os estudos desta pesquisa e reforçar o quão importantes são suas ações. De acordo com Kleber (2006, p.25) “ as ONGs têm sido foco de estudos no que tange à sua natureza, função e impacto do seu trabalho sobre as comunidades em que atuam”.

De toda literatura levantada para este trabalho, foram encontradas teses de doutorado que citam o Espaço Cultural da Grotta, muitas dissertações de mestrado, monografias que são inclusive, em sua maioria, de alunos, ex-alunos e professores do próprio Espaço Cultural da Grotta.

O projeto Espaço Cultural da Grotta foi criado em 1995 com o intento de ensinar a jovens e adolescentes da comunidade da Grotta do Surucucu o acesso a uma formação musical, promovendo, assim, outras possibilidades de desenvolvimento cultural e social. O advento do projeto encontra sua razão de ser, a princípio e em última instância, na necessidade de prover oportunidades de formação para crianças, jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Tendo a música como lastro principal de seu desenvolvimento o ECG visa potencializar talentos e, sobretudo, ampliar o repertório cultural dos jovens por meio do aprendizado musical. (SANTOS, 2016, p. 86).

É encontrado na monografia de Oliveira, 2011, ex-aluna e atual produtora da ONG que no ano de 1982, bairro da Grotta do Surucucu na cidade de Niterói iniciaram as

primeiras atividades do projeto com intenção de ajudar os jovens do local. No ano de 2002 cria-se a ONG Reciclarte, (GADELHA, 2014), com nome fantasia de Espaço Cultural da Grotta. Segundo (SANTOS, 2016), o ECG reconheceu-se com esse nome ainda antes de ter se tornado legalmente uma ONG, no ano de 1995. A primeira atividade promovida neste espaço foi o plantio de uma pequena horta que era administrada por Otávia Selles, conhecida na comunidade como Dona Otávia, em conjunto com os moradores da comunidade da favela da Grotta do Surucucu. Hoje são prioritariamente atividades musicais: educação musical (musicalização), ensino de flauta doce, percussão popular (não sinfônica), canto coral, e por fim, a prática do ensino dos tão famosos e conhecidos instrumentos de cordas friccionadas (os violinos, violas, os cellos e os contrabaixos). Eu os cito assim, os “famosos instrumentos de cordas friccionadas”, porque esses são o cartão de visitas do ECG que dentre todos os nomes pelos quais é conhecido, existe um nome mais característico que é a Orquestra de Cordas da Grotta (OCG).

Antes de se tornar então a OCG ou ECG, as primeiras intenções de atividades não giravam ao redor do mundo da música. As ações iniciais neste espaço vieram através das iniciativas da mãe do maestro Marcio Selles², D. Otávia, quando esta quis dar aos jovens um suporte e uma possibilidade de acesso a novos conhecimentos, visto que era uma localidade desassistida pelo Estado, uma situação característica quando se fala em uma região de favela. D. Otávia desenvolveu ali uma atividade que deu o primeiro nome ao hoje conhecido Espaço Cultural da Grotta. Nos anos iniciais da década de 80, este espaço era conhecido como “horta”. Esta atividade envolvia, na época, jovens e adultos moradores do local.

Em contato com um morador de uma comunidade conhecida como Grotta do Surucucu, no mesmo Bairro de São Francisco, que desenvolve a reciclagem de materiais, e compartilhando seu interesse de ajudar de alguma forma aquela localidade, ela instala, num terreno vazio nos fundos dessa Reciclagem, uma Horta. Com seus próprios recursos D. Otávia constrói uma pequena sala e uma cisterna e assim começa, com os meninos, a ajudá-los no reforço escolar e também a formar uma Horta. Assim que saiam da escola os garotos corriam pra “Horta”, como ficou sendo conhecido aquele espaço, e a Professora os orientava como plantarem mudas e sementes. Assim, essa experiência tendo cada vez mais significado tanto pra D. Otávia quanto para as crianças. Ela passou, então, a compartilhar com amigos mais próximos esse trabalho, convidando-os a oferecer alguma ajuda, doando algo ou fazendo os mais diversos tipos de oficinas. (GADELHA, 2014, p.16).

² Doutor em História pela UFF (Universidade federal Fluminense) em 2005 e Mestre em música antiga pelo Sarah Lawrence College (New York- USA) em 1989.

O que começou numa aparente ação singela foi tomando forma e envolvendo cada vez mais pessoas, não só pessoas para serem assistidas por essas atividades, mas pessoas que se uniram a essa causa e ajudaram a tornar cada vez mais real essa intenção de se fazer algo que fosse capaz de mudar a realidade de um determinado grupo de pessoas. Essa ação é viva até hoje e vem fazendo história na cidade. A cada tempo que passa mais atividades vem se somando ao ECG. As oficinas, ou aulas, que acontecem no espaço atualmente englobam o mundo das artes, transcendendo a música. A intenção real e principal da Grota é “ajudar as crianças, seja da forma que for”, visto que “nem todas as crianças se interessam pela música”. (Lenora Mendes, 08\10\2016).

A partir disso, o ECG hoje, além das atividades e práticas musicais que são o ensino dos instrumentos de cordas friccionadas; flautas doces soprano, contralto, tenor e baixo; flauta transversa; percussão; canto coral, conta com outras atividades que são também relacionadas às artes, a saber, aulas de desenho, de teatro, um grupo de dança hip hop, uma aula de leitura de texto e um grupo coordenado pela psicóloga Yara Selles (irmã do coordenador Márcio) que desenvolve atividades em torno de temas como: educação, respeito ao próximo, autoestima, e esse grupo conta com a ajuda da assistente social Monique Seabra Melo Oliveira, irmã de uma antiga aluna do projeto, Alexandra Seabra Melo Oliveira, cujo seu trabalho é citado diversas vezes ao decorrer desta pesquisa, e este aspecto evidencia que “a preocupação do ECG em oferecer atividades de autoconhecimento mostra o interesse na formação não apenas musical, mas, também, na formação humana”. (OLIVEIRA, 2016, p.24).

Como uma ONG, tem sido exemplo de exercício de cidadania para instituições de outras cidades e citada em inúmeros trabalhos acadêmicos que transcendem as pesquisas realizadas pelos próprios alunos e ex-alunos da Grota que hoje são formados em cursos de graduação e que se sentiram gratos em evidenciar todas essas ações em seus trabalhos de conclusão de curso ((OLIVEIRA, 2011; SILVA, 2011; GADELHA, 2014; OLIVEIRA, 2016). Um exemplo de que as ações do ECG tem sido citadas em trabalhos de outros pesquisadores que atuam na área dos projetos sociais é encontrado no livro “A PRÁTICA DE EDUCAÇÃO MUSICAL EM ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro – Magali Oliveira Kleber, junho,2006” onde a pesquisadora, ao analisar as práticas musicais de duas ONGs no Brasil, uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro, cita o ECG como uma das iniciativas importantes que tem interação direta com Projeto Vila Lobinhos (PVL) que é o seu objeto de estudo no Rio de Janeiro. “As favelas da

Comunidade do Morro Dona Marta e a Comunidade Grota do Surucucu, em Niterói, são pontos importantes da rede de organizações que interagem com o PVL. ” (KLEBER, 2006, p.110).

Esta perspectiva se dá quando a pesquisadora encontra em seu objeto de estudo (o projeto social PVL) alguns alunos que são moradores da comunidade da Grota, que fazem parte do ECG e que já tem uma trajetória com a prática musical.

Considerando a relação entre as oportunidades e o espaço urbano, as trajetórias de Walther e Wagner, da favela Grota do Surucucu, mostraram como um trabalho social pode ampliar as alternativas de percurso. Eles partiram de um dado quantitativo para dimensionar uma perspectiva qualitativa do impacto da prática musical, acessível aos moradores da favela mediante o trabalho da ONG Reciclarte [...] (KLEBER, 2006, p.110).

Uma característica forte do ECG, é a formação de educadores musicais que é salientado por (OLIVEIRA, 2016), ex-aluno do ECG que cita a experiência de alunos e ex-alunos, neste trabalho colaborei através de entrevistas no desenvolvimento da pesquisa de Igor Siqueira de Oliveira que se graduou no curso de Licenciatura em Música pela UNIRIO em 2016.

É claro notar a repercussão que o trabalho do ECG vem trazendo ao longo de sua história, transformando vidas, estreitando as relações sociais, criando oportunidades, ampliando o campo de conhecimento dos seus alunos e além disso, vem ganhando visibilidade na literatura acadêmica em pesquisas de âmbito social e musical no contexto de ensino e aprendizagem de música.

2.2 A ação do Multiplicando Talentos e seu processo de formação: O Núcleo Apolo II

Considerando todo contexto do ECG explicitado até o momento, suas ações e contribuições, acho importante salientar neste trabalho um canal específico dentro de toda essa trama que, por meio deste canal tive acesso a um determinado tipo de informação e pude iniciar a construção de uma carreira como estudante de música e educador.

O projeto Multiplicando Talentos³ é uma ramificação do ECG e que por definição “Replica a experiência da Orquestra de Cordas da Grota em outras comunidades com crianças e adolescentes em condições de vulnerabilidade social, adotando-se um método

³ Vide anexo

próprio⁴ de iniciação musical através da flauta doce. São alunos da rede pública, numa parceria que se consolida junto às escolas municipais e estaduais. ” (GADELHA, 2014).

Historicamente, o Multiplicando Talentos iniciou-se com uma perspectiva menos abrangente e com um outro nome. Em entrevista com presidente da Reciclarte e Coordenador do Multiplicando Talentos, Carlos Alberto Farah diz que:

Antigamente, o nome que se dava era Passaporte para o Futuro. Aí, houve a necessidade da expansão. Quando a Reciclarte sentiu que poderia expandir o passaporte pra fora da OCG, foi preciso criar um outro nome, então criaram o Multiplicando, porque já tinha passaporte e aí Multiplicando ficou mais adequado. Foi aí que surgiu o Multiplicando Talentos para as periferias, para os núcleos. FARAH, 20\10\2016, em entrevista.

As atividades do ECG não se limitam à comunidade da Grota do Surucucu em Niterói, mas, outras comunidades da cidade e em municípios próximos, como podemos ver nas falas de Cecília e Farah que são duas pessoas envolvidas com a história do ECG e fundamentais para proliferação e execução deste projeto. Cecília Miranda Pontes é assistente social aposentada e colaboradora direta no projeto da Grota. Carlos Alberto Farah é administrador de empresas aposentado, colaborador direto do projeto, presidente da ONG Reciclarte (ECG) e coordenador do projeto Multiplicando Talentos. Cecília e Farah são casados e juntos são responsáveis pelo desenvolvimento dos núcleos que levam as atividades de música da Grota para os outros bairros de Niterói e cidades adjacentes. Em entrevista, Farah conta como começou a coordenar o Multiplicando talentos:

[...] Eu sou o presidente da Reciclarte. Como precisavam de um coordenador, falavam: Você, por favor, quer ser o coordenador? Quer ser não, você, por favor, seja, faça a coordenação desses núcleos todos (contou em risos). Então eu comecei a fazer essa coordenação. Embora presidente, eu comecei a fazer essa coordenação dos núcleos. Até então era pouco, era Jurujuba, Apolo, Badu. (Farah, 20\10\2016, em entrevista).

Diante dessa fala, Cecília, complementa o trecho incluindo outros detalhes à essa coordenação dos novos núcleos do projeto:

Em função do resultado que tava tendo o Badu, o projeto, o crescimento, o desenvolvimento, aí pediram pra ele fazer a coordenação dos núcleos de um modo geral. Foi quando nós começamos a ir também pra Maricá, porque aí foi feito o projeto [...] e começou Maricá a funcionar também dentro do Multiplicando Talentos, aí tinha no Apolo e a gente teve que fazer [...] a coordenação [...] e assim nós chegamos aqui no Apolo. (Cecília, 20\10\2016, em entrevista).

⁴ Vide anexo

A cidade onde moro, Itaboraí, está localizada aproximadamente acerca de 30km de distância da Grota e no ano de 2007 foi introduzida nesta cidade um núcleo de ensino de música transformando a comunidade do Apolo em um novo membro de todo corpo do ECG. Pela definição do Multiplicando Talentos destaca-se que os novos núcleos acontecem e se consolidam em parcerias com as escolas municipais e estaduais, (GADELHA, 2014) mas na ocasião, aconteceu numa igreja. Inicialmente o Multiplicando Talentos foi pensado para atender as comunidades vizinhas em Niterói, o que significa, até então, que o projeto não abrange outras cidades, é o que comenta Cecília, em entrevista, dizendo que o projeto foi objetivado “De preferência para as periferias de Niterói, mas com a solicitação do Padre Pedro, aí veio pra cá (o Apolo).” (Cecília, 20\10\2016).

Quando o padre Pedro Pereira de Moraes foi transferido para a paróquia de São Francisco de Assis no bairro do Apolo II na cidade de Itaboraí, onde moro, o então padre solicitou à ONG que levasse até à sua paróquia no bairro do Apolo a experiência do ECG e a partir de agosto de 2007 iniciaram as aulas de música naquela paróquia. As aulas eram abertas para todas as pessoas da localidade, não se limitando apenas aos membros da igreja. Antes de ser transferido para a paróquia do Apolo, o padre Pedro foi pároco da capela Imaculado Coração de Maria que fica exatamente na comunidade da Grota do Surucucu em Niterói onde é situada a sede do ECG e com isso muitos alunos do projeto da Grota eram frequentadores desta capela e músicos atuantes nas cerimônias religiosas dessa igreja, por isso o padre Pedro já conhecia a dinâmica e a estrutura do ECG e ao ser transferido para a Paróquia de São Francisco de Assis em Apolo II - Itaboraí, solicitou a ONG que integrasse o bairro do Apolo, território de sua nova paróquia, às atividades do ECG criando assim o núcleo da Grota na Cidade de Itaboraí no bairro Apolo II por meio do Multiplicando Talentos. As aulas então eram ministradas nas próprias salas da paróquia do Apolo.

O objetivo do Multiplicando Talentos é levar as atividades e a experiência do ECG para outros bairros e cidades criando núcleos de ensino de música. Além disso, também idealiza que a estrutura realizada nos núcleos seja a mesma que se executa na sede do projeto.

A estrutura do curso é a estrutura da Grota. Só que não dá pra repetir toda aquela estrutura, então o aprendizado da flauta, a iniciação no violino... isso é feito no núcleo. Quando você tem que fazer a parte já mais técnica, teoria, aí você vai pra lá, aí começa. Foi quando vocês (alunos do Apolo) começaram a ir pra Grota. Vocês começaram a fazer prática de orquestra, fazer aula de teoria com Lenora, aí vocês foram

fazer o curso técnico no conservatório que era uma parte complementar a parte de Lenora, aí então as pessoas tem que descer porque nós não temos estrutura daquela que tem lá na OCG pra colocar em todos os núcleos. (Cecília, 20\10\2016, em entrevista).

Como descrito na fala de Cecília (20\10\2016, em entrevista), a OCG ou ECG, dispõe de um sistema estruturado no que tange as intenções do projeto em relação aos jovens como alunos de música, que se caracteriza desde a uma iniciação musical até um nível de conhecimento mais avançado culminando numa profissionalização na área musical de educação.

O aluno que inicia no projeto participa de aulas de musicalização durante aproximadamente dois primeiros meses de curso, depois disso inicia-se o estudo da flauta doce soprano barroca incorporando a leitura da pauta com a execução no instrumento sustentado pelo conhecimento prévio da musicalização já iniciada, num formato de prática de conjunto, considerando que as aulas não são individuais mas consiste em turmas cujo número de estudantes é variável de acordo com a realidade de cada núcleo. Depois de uma vivência musical em grupo mais consolidada, o aluno começa a receber aulas de violino mas sem deixar de estudar a flauta doce, soprano, que continua em desenvolvimento com introdução das outras: contralto, tenor e baixo. Inicialmente, as aulas são semanais com duração de uma hora e a partir da introdução dos estudos do violino, as aulas somadas se tornam duas horas semanais, estendendo-se por mais meia hora, em uma maioria dos casos. O período que compreende o início dos estudos da flauta doce soprano até a iniciação no violino dura aproximadamente entre um ano e meio a dois anos. Depois de mais um ano nos estudos do violino, o aluno deve estar preparado para uma nova etapa que é a prática de orquestra. Os ensaios acontecem em Niterói no ECG, aos sábados. A primeira orquestra a receber os alunos recém iniciados no violino é conhecida como Orquestra C, considerando que estes alunos vindos dos núcleos apesar de já tocarem flauta com uma certa fluência, tem apenas um ano quando se fala de estudos no violino. Os estudantes que compõe a orquestra C não são somente os alunos dos núcleos, mas também essa orquestra é composta por alunos que iniciaram seus estudos no próprio ECG. Passando mais um ano, os alunos da orquestra C passam por uma avaliação a fim de integrar a orquestra B, que é compreendida por ter um repertório mais detalhado, que exige uma técnica mais apurada em relação à primeira orquestra e seus ensaios continuam sendo aos sábados, apenas mudando de horário. A maioria dos alunos que ingressam na orquestra B continuam participando do grupo C servindo de motivação para novos alunos e para os que ainda estão lá. Os estudantes, quando alcançam a

orquestra B iniciam ao mesmo tempo o curso de teoria no espaço da Grotta. Este curso acontece aos sábados com duração de duas horas semanais num período de dois anos e depois dessa etapa, numa antiga parceria com o Conservatório de Música do Estado do Rio de Janeiro, no bairro de Icarai – Niterói, aconteciam mais dois anos de curso somando-se então um total de 4 anos de formação técnica em teoria musical. É importante dizer que esta parceria durou dez anos, num período que compreende entre o ano de 2005 até 2015 e cerca de 60 alunos foram formados neste curso técnico. Essa ruptura na parceria entre a Grotta e o Conservatório é bastante recente. É importante ressaltar que atualmente o curso técnico em teoria musical foi reformulado e é reconhecido numa nova configuração sendo um curso de três anos feitos todos os anos no próprio ECG.

Ao decorrer do curso técnico e junto com as práticas na orquestra B, o aluno vai se preparando para fazer uma nova avaliação no intuito de integrar um novo grupo chamado de Orquestra A. Para muitos, esse é o grande objetivo ao participar de todo processo. Isso aconteceu comigo, o objetivo que eu tinha era chegar à orquestra A. Esse período não compreende um tempo específico, considerando que afinar suas habilidades técnicas ao ponto de ser apto para integrar a orquestra A depende da real determinação e disposição de cada um. O grupo intitulado “Orquestra A” se configura com alunos mais maduros, incluindo sua experiência e vivência musical dentro do projeto (ou não, visto que alunos de outros lugares já integraram essa orquestra) e por isso são alunos com maior idade. O repertório tem um nível ainda mais elevado e esse grupo é o que leva, por responsabilidade, o nome de Orquestra de Cordas da Grotta.

Toda essa trajetória descrita acima, preparada para os alunos, foi uma realidade no núcleo da Orquestra de Cordas da Grotta em Apolo II pelo projeto Multiplicando Talentos. Alunos que cumpriram todo esse cronograma, mudaram sua realidade, se inseriram num campo de atuação e estão construindo suas carreiras em consonância às atividades do ECG.

Apesar de todas essas definições, o núcleo do Apolo tem as suas peculiaridades. Um detalhe muito importante sobre a atual configuração dos núcleos em outras cidades é que ao decorrer do tempo os alunos vão se transformando em monitores do próprio local.

Considerando que a rotatividade dos alunos é grande, no sentido de que novas turmas são iniciadas a cada começo de ano e todos os anos tem no mínimo duas turmas novas, pois as aulas no núcleo do Apolo são oferecidas em dois turnos, os alunos escolhidos monitores assumem sempre as turmas novas, com conteúdo introdutório à música e execução da flauta num nível iniciante. Essa definição, de que os alunos se

tornam monitores do próprio lugar onde moram foi uma alternativa criada a partir da experiência feita no Apolo, como deixa claro a entrevista com Cecília.

A gente tinha atraso de monitores, problema de distância, de trânsito... era bastante complicado, aí nós resolvemos que cada núcleo fora de lá de Niterói teria uma pessoa do local, que estava dando mais resultado, que a gente tava fazendo uma experiência com você e o resultado foi bom. Com você e com Grazi, porque Diana ainda não dava aula. (Cecília, 20\10\2015, em entrevista).

Diante dessa fala, eu fiquei surpreso e perguntei se realmente o núcleo do Apolo foi o primeiro núcleo a ter monitores do próprio local e Cecília respondeu que sim, o Apolo foi o primeiro núcleo a experimentar essa ideia e logo ela me conta como essa ideia foi sendo multiplicada para os outros lugares.

A gente fez uma experiência aqui com você e que deu certo, aí tinha o Jurujuba, aí nós pedimos que tivesse alguém de lá no morro do estado. Era uma assistente social que estava trabalhando com outra coisa, mas tinha um trabalho na igreja que começou com a escola Airton Senna, depois não teve mais espaço, nós fomos pra igreja e lá nós tínhamos a filha da Sônia que era uma conhecida também da gente, a mãe, ela não. A Andréa nós não conhecíamos, nós conhecíamos a mãe, que era uma costureira conhecida, aí soubemos da Andréa que tinha uma formação em serviço social e aí a Andréa passou a ficar responsável pelo grupo do morro do estado e nós começamos a colocar uma pessoa pelo menos da comunidade pra começar a organizar, a responder pelo grupo, assim interessar e desenvolver o grupo e aí aqui ficou você. (Cecília, 20\10\2016, em entrevista).

Quando os alunos do projeto da Grota se tornam monitores de novas turmas, cria-se um pequeno mercado de trabalho dentro do próprio projeto considerando que os monitores recebem uma remuneração referente as aulas que começam a ministrar nos núcleos de multiplicação. Inicialmente, essas aulas funcionam como uma alternativa de ganhar dinheiro e incentivo a profissionalização por meio da educação musical considerando que os alunos selecionados para monitores já participam da formação técnica disponibilizada pelo ECG que consiste em aulas de instrumentos, curso técnico em teoria musical, acompanhamento psicológico especializado e direcionado para esses novos monitores.

A partir dessa prática de preparação para a monitoria, os alunos aprendem para ensinar, com isso começaram a mostrar interesse em ter acesso às universidades e tal interesse foi um marco na vida do ECG. É o que conta Farah, em entrevista, quando salienta que com a implementação do Multiplicando Talentos, que usa os alunos formados monitores para dar aulas em novos espaços de multiplicação, os monitores começaram a mostrar grande interesse pela universidade de música.

Logo que nós começamos o multiplicando talentos, não que tenha sido o multiplicando talentos que tenha acontecido isso, mas... É um marco, né. Daquela data em diante os músicos da OCG, os músicos do Espaço Cultural da Grota começaram a se interessar a entrar em faculdades. E até então você não tinha nenhum músico formado. Hoje nós temos onze ou doze, ou até mais. Temos uma relação grande de músicos que fizeram a faculdade e estão fazendo. (Farah, 20\10\2016, em entrevista).

A informação de que os alunos do ECG começaram a se inserir nas universidades é um dado muito importante para a história dessa ONG e a partir desse dado surge uma nova expectativa para o ECG onde agora os alunos tem um novo direcionamento, um objetivo que vai além da formação técnica em música, que é a graduação.

Como foi citado, os alunos seguem alguns passos que os levam a um caminho de formação e transformação social que é o conhecimento de um mundo, com novas possibilidades, oportunidades de inserção profissional e acadêmica com os cursos de graduação em universidades diversas.

O primeiro professor do núcleo OCG – Apolo II foi Anderson Pereira da Silva⁵, que como aluno do projeto, teve sua iniciação musical toda construída na ONG e hoje é formado em Licenciatura em Música pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM-CEU) que é uma instituição privada e com o apoio do ECG e uma bolsa concedida pela instituição teve oportunidade de acesso e inserção no curso superior de música e no mercado de profissional e que é citado neste trabalho.

Como ele, e outros do ECG, há alunos do núcleo do Apolo que seguiram esse caminho e atualmente estão na universidade. Três alunos⁶, dos mais antigos do núcleo, ingressantes na primeira turma iniciada no ano de 2007 estão na universidade. Grazielle Pessanha Bragança de Carvalho, estudante de Licenciatura em música na UFRJ; Diana Pazinni, estudante de Pedagogia na UFF; e eu, Thiago de Souza Monteiro, estudante de Licenciatura em música na UNIRIO, ingressantes na universidade no ano de 2013, todos no mesmo ano.

Ainda em entrevista, Cecília descreve os primeiros alunos do ECG a entrarem na universidade, no ano de 2008 com bolsas concedidas pelo Conservatório Brasileiro de Música em parceria com o ECG.

A primeira turma foi a turma de Alexandra, Simone, Anderson, Mayara... E aí depois dessa foi que a coisa continuou. Essa turma entrou no conservatório. [...] Antes tinha um convênio, tinha bolsa, tinha um ajuda que, essa ajuda já nem existe mais, aí começaram a fazer prova,

⁵ Vide foto em anexo

⁶ Vide foto em anexo

começou o ENEM e aí vocês começaram a frequentar as escolas federais. (Cecília, 20\10\2016, em entrevista).

Desses alunos do ECG citados, três foram professores no núcleo do Apolo ainda antes de ingressarem na universidade e me lembro quando a inserção deles aconteceu, eu era aluno. Anderson (foi o primeiro professor), junto com ele tivemos a presença de Mayara e algum tempo depois, Simone. Existiram muitos outros professores além desses citados mas atualmente, os professores titulares são os próprios alunos do núcleo do Apolo que hoje estão na universidade, eu, Grazielle e Diana.

Considerando que é possível construir uma carreira baseada na formação que o Espaço Cultural da Grota disponibiliza para seus alunos e que essa formação atinge mais pessoas através dos núcleos, fica claro que é possível e é real uma mudança de vida através do ensino de música e sua motivação profissionalizante, como afirma RIBEIRO, 2012, quando diz que:

A música apresenta-se, então, como um importante elemento de formação de identidade e construção da cidadania onde agentes multiplicadores de cultura assumem o papel de transformadores da realidade social. Mais do que isso, a formação musical e de cidadania tem proporcionado desenvolvimento pessoal e possibilidade de profissionalização. (RIBEIRO, 2012, p.9).

Os três alunos-professores do núcleo do Apolo nunca tiveram outro tipo de trabalho remunerado antes do contato com as aulas do ECG, todos eram adolescentes de 15 anos e através desse processo de educação, construíram uma vida profissional forjada com a música.

CAPÍTULO III

3.1 A formação Técnico-musical no ECG: O Curso de Teoria.

Dentro de todo processo de formação característico no ECG, é objetivo destacar a formação técnico-musical realizada para os estudantes, conhecido dentro do projeto como o curso de teoria. Esse curso começou no ano de 2000, algum tempo depois de serem implantadas na Grota as aulas de música para fins de um melhor desenvolvimento, melhor performance e facilitação em relação à prática musical inicial dos alunos. Historicamente, o curso de teoria no ECG não foi planejado. Em entrevista, Lenora⁷ conta como foi o início dos estudos teórico-musicais para os alunos do projeto.

Tudo começou sem muito planejamento e aí, o que aconteceu? As minhas filhas são da idade deles, dos primeiros alunos daqui e elas estavam precisando de aula de teoria porque elas tavam fazendo o violino com a Noemi Uzeda, na época, com Bernardo Bessler, estavam fazendo uma orquestra de câmara e eu senti que elas estavam precisando de aula de teoria e eu resolvi que eu ia fazer uma turma de teoria pra elas e aí como eu ia fazer pra elas, eu chamei eles (os alunos do projeto). As aulas eram na Escola Nossa, no sábado, essas aulas de violino e ensaio que elas faziam, ali em Pendotiba, tinha um grupo de uns 15 adolescentes. E aí eu fui, como eu ia começar a teoria pra elas, eu fui e chamei eles pra eles irem pra lá. (Lenora, 01\10\2016, em entrevista).

No início dessas aulas de teoria, Lenora se deparou com um obstáculo, percebeu que os alunos da Grota tinham pouca experiência escolar e manifestaram uma certa dificuldade em relação a prática de estudos e essa característica explicitou um significativo contraste entre as filhas de Lenora e Márcio que não compartilhavam da mesma realidade dos alunos do projeto da Grota. Já era sabido que a maioria dos poucos alunos naquela época de início da ONG estavam fora da escola e isso se refletiu no desempenho desses alunos quando iniciaram as aulas que eram complementares aos instrumentos.

Aí eu senti uma diferença muito grande, assim, delas pra eles. Eles não iam conseguir. Assim, o nível de experiência escolar que elas tinham de sentar, caderno, escrever, papel, entendeu? Eles não tinham. Eles não conseguiam escrever a nota na pauta. Era uma coisa de falta

⁷ Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense em 2005. Formada em Educação Artística com habilitação em Música pela UFRJ em 1984. Em 1989, concluiu mestrado em Música Medieval e Renascentista pelo Sarah Lawrence College em Nova York, EUA.

de escolaridade mesmo. Muitos fora da escola. Zé Carlos fora da escola, Leandro fora da escola. [...] Todos fora da escola. Desde a terceira série, segunda série, aí eu percebi que não ia dar pra fazer junto [...] Aí então eu resolvi começar aqui, aqui na Grota. (Lenora, 01\10\2016, em entrevista).

Depois de constatado esse choque de realidade e na contínua intenção de ajudar, Lenora preparou e criou um curso de teoria adaptado para a realidade daquele grupo levando em conta todas dificuldades e defasagens enfrentadas pelos alunos.

[...] eu demorei um tempo pra começar aqui na Grota porque eu senti que eles estavam muito defasados. Mas quando eu comecei aqui na Grota, eu comecei especialmente pra eles, levando em conta as dificuldades deles de sentar e ver matéria, essas coisas. Aí eu fiz diferenciado aqui. Mas agora já não tem mais essa diferença porque as outras gerações que foram chegando, foram chegando com uma outra abordagem já, os outros alunos, e aí começou a necessidade de preparação pro THE. (Lenora, 01\10\2016, em entrevista).

A intenção inicial do curso de música e toda estrutura formada no projeto da Grota não foi o ingresso na universidade para um curso de graduação em música ou para qualquer outro curso de graduação, mas o objetivo de toda existência das atividades da ONG foi sempre ajudar os alunos que se aproximavam do ECG. Quando os próprios alunos sentiram necessidade e vontade de ter acesso a um curso superior de música, a estrutura das atividades foi remontada para atender o desejo de uma nova aquisição de conhecimento técnico-musical. Partindo dessa premissa deu-se início ao curso de teoria musical com intenção de preparar os alunos para o Teste de Habilidade Específica nas instituições de ensino superior do Rio de Janeiro. Para essa preparação, eram usadas provas dos vestibulares de música das universidades como exemplo e suporte para extração de conteúdos a fim de construir uma base de conhecimento que fosse suficiente para que os alunos concorressem às vagas das universidades.

Quando eu comecei a ver a coisa do THE, eu comecei a procurar as provas da UFRJ, prova da UNIRIO [...] pra poder preparar eles de acordo com as questões que caíam nas provas, com os problemas que caíam nas provas, então o curso era todo em função do THE. (Lenora, 01\10\2016, em entrevista).

Ainda com a intenção de preparar os alunos para o THE de música, o curso de teoria da Grota não tinha criado uma estrutura formalizada em turmas divididas por conteúdos e alunos, as aulas eram dadas para todos os níveis de conhecimento.

Na verdade, nessa época (anos 2000) não tinha ano definido, eu tinha alunos e níveis [...] eu ia pegando os alunos em vários níveis independente de ano. O importante era terminar o conteúdo pra passar no THE. (Lenora, em 01\10\2016, em entrevista).

Esse modelo de curso sem divisão entre conteúdos e níveis dos alunos foi mantido por 5 anos. Em 2005, o Espaço Cultural da Grota se uniu em parceria com Conservatório de Música do Estado do Rio de Janeiro, uma instituição de ensino privado localizada no bairro de Icaraí, um bairro nobre da cidade de Niterói, a mesma cidade onde acontece o projeto da Grota. A partir dessa parceria, foi estruturado junto ao ECG o curso técnico em teoria musical que compreende quatro anos de formação sendo dois anos iniciais cursados na sede do espaço cultural e outros dois anos feitos no conservatório, em Icaraí. Durante os dois últimos anos de curso, além das aulas continuadas em teoria musical os alunos recebiam uma ajuda em dinheiro, uma bolsa que tinha o intuito de custear a locomoção e alimentação nos dias de aula do Conservatório e pagar uma mensalidade simbólica, um valor muito menor que o valor real dos cursos oferecidos nesta instituição.

A parceria entre o ECG e o Conservatório de música durou dez anos, entre 2005 e 2015. Durante esse período de dez anos, quarenta alunos foram formados técnicos em teoria musical e considerando que esse curso técnico é também preparatório para o THE em música, Lenora afirma que ‘de 40 são 7 que não entraram na faculdade’. (Lenora, 01\10\2016). Atualmente, o curso de teoria no Espaço Cultural da Grota conta com uma duração de três anos na intenção de se manter uma formação em nível técnico e esses três anos são ministrados no próprio ECG. Em complementação a esses três anos de curso, iniciou-se no espaço cultural da Grota, no ano de 2014, um curso de percepção musical que faz parte do projeto de extensão universitária da UNIRIO *Percepção*⁸, a partir da iniciativa da professora Adriana Miana de Faria⁹. Em entrevista, Lenora conta como ela entende a utilidade das aulas de percepção relacionando ao curso de teoria musical.

Olha, esse projeto de percepção, é assim, caiu do céu, por que... o que que acontecia? As turmas são grandes de teoria e são aglomeradas, são turmas juntas, então é muito difícil trabalhar percepção porque tem níveis diferentes, então eu não consigo atingir

⁸ Vide anexo

⁹ Vide anexo

todos eles e o tempo de teoria sobra pouco, meia hora pra percepção [...] Porque é muito conteúdo que tem que ver, que tem que passar, que eles tem que saber, pelo menos ouvir falar [...] Então, a percepção separada, assim, me alivia, [...] eu fico tranquila que eles estão vendo a percepção separada e eu não preciso ficar tão preocupada com eles. (Lenora, em 01\10\2016, em entrevista).

De acordo com os dados levantados, quero salientar que o curso de teoria ministrado no ECG é uma ferramenta importante que prepara os jovens da Grota para uma chance real de acesso à universidade para o curso de música. Um outro detalhe importante é que os curso de teoria do ECG também atende alunos de outros projetos sociais que querem ingressar nas universidades para o curso de música mas que não se sentem preparados para prestar o THE. Há casos de alunos que tentaram o vestibular, não foram aprovados, procuraram o curso de teoria do ECG, participaram por um ano e com isso foram aprovados nas universidades federais do Rio de Janeiro. Cinco alunos de um projeto social que atua também em Niterói haviam prestado vestibular no ano de 2011 e não obtiveram aprovação no THE, com isso recorreram ao ECG, passaram por essa experiência e conseguiram ingressar na universidade e dentre esses cinco há dois já formados pela UNIRIO.

É de grande importância explicitar que toda construção do ECG e de sua estrutura metodológica de ensino e preparação para universidade partiu das necessidades dos alunos, como diz Lenora em entrevista.

Sempre partindo da necessidade deles. Tudo o que aconteceu aqui foi a partir da necessidade deles. Por que não adianta você fazer uma coisa pronta e não tá de acordo com o que eles precisam. E o tempo inteiro é assim, tá mudando, mudando, mudando, sempre de acordo com o que tá aparecendo de necessidade. (Lenora, 01\10\2016, em entrevista).

Outro grande detalhe é que os alunos não ingressam unicamente nos cursos de graduação em música, muitos deles ingressam em cursos de outras áreas de formação. O ECG conta com um pré-vestibular comunitário que atende os alunos de música do projeto que decidem não cursar a graduação em música e também moradores da comunidade que não participam das aulas de música, mas que pretendem ter acesso a universidade segundo à sua escolha. O acesso à universidade promovido pelo ECG é bastante diversificado e vai além da música atendendo as necessidades da comunidade, sempre. É o que relata Cecília, em entrevista.

O importante também é que não fizeram só faculdade de música. O fato de eles estarem assim num grupo, estudando, vendo crescimento, eles buscaram outras profissões também. Outros

profissionais saindo, tanto na área da engenharia, como na área da pedagogia, agora nós temos uma que está terminando enfermagem... então diversificou a formação, mas o importante é que a formação aconteceu. (Cecília, 20\10\2016, em entrevista).

Considero que o trecho acima conclui bem a realidade do ECG no que se refere a formação oferecida para os alunos, uma formação musical, humanística e diversificada que orienta na busca de um caminho profissional.

3.2 Projeto Extensão Universitária *Percepção*

O projeto de extensão nasceu através de uma iniciativa da professora Adriana Miana de Faria, com intenção de ajudar os alunos bolsistas e cotistas ingressantes na UNIRIO que são oriundos de projetos sociais e apresentavam alguma “defasagem” em relação a disciplina PEM (Percepção Musical).

[...] eu fiz o projeto de extensão lá dentro da universidade pra atender os cotistas e os monitores de projetos sociais na tentativa de fazer com que a inserção na universidade não fosse tão “sofrida”, podemos dizer. Que as pessoas se sentissem mais à vontade, mais acolhidas, e não se sentindo um pouco à parte. Não tendo que correr tanto atrás, em fim. Um pouco isso! (Adriana Miana, em entrevista. 21|09|2016).

Eu sou um aluno que entrei na graduação com este tipo de situação e, portanto, fui um grande motivo para criação e execução desse projeto de extensão em percepção musical dentro da universidade.

Minha formação foi muito sólida quando se trata de conhecimento dos conteúdos musicais teóricos, de acordo com o plano de formação do ECG, cumprindo a carreira de quatro anos de estudos teórico-musicais, o que me garantiu uma boa participação no THE e o meu ingresso na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O que me aconteceu depois de estar na graduação foi que as minhas habilidades de relacionar o conteúdo teórico com a escuta não estavam suficientemente desenvolvidas para enfrentar aquela realidade da percepção musical numa turma de graduação em música cujo nível eu considerava altíssimo na época. Tive muitas dificuldades nesta disciplina. Meu primeiro semestre foi um tanto “sofrido” nesse sentido, apesar de eu ter bastante fluência com a sistematização não sabia como relacionar os conteúdos. A partir de algum momento, ainda no meu primeiro semestre, pude contar com a sensibilidade da professora Adriana a respeito da minha dificuldade e então ela tomou a iniciativa de criar um projeto de extensão que atendesse a essas necessidades “prévias” à percepção musical, visto que

é uma disciplina fundamental para vida do músico enquanto sua profissão e sua performance.

No segundo semestre de 2013, o projeto de extensão começou realizando encontros semanais na própria UNIRIO, todas as terças-feiras entre 10:00h e 12:00h e nesses encontros eram abordados os conteúdos da percepção musical numa forma contextualizada com a teoria pois a “defasagem” se encontrava na não associação do conteúdo sistemático da música (teoria musical) com a audição perceptiva desses conteúdos. Outros alunos foram somando-se ao grupo de extensão e a Adriana foi criando ferramentas para aquisição dessas percepções. Criou o pentagrama no elástico, dominós, bingos, baralhos e jogos¹⁰ afins que relacionam a percepção e a sistematização.

O projeto de extensão foi levado até a comunidade da Grota do Surucucu no início do primeiro semestre de 2014. Ao constatar que outros monitores de projetos sociais não tinham a possibilidade de se deslocarem até a Urca, a Adriana me solicitou que perguntasse à coordenação do ECG se eles gostariam que tal projeto desenvolvesse suas atividades no ECG também. A intenção dessa extensão no ECG foi usar a percepção como meio a fim de melhorar a performance musical dos alunos interferindo em questões como ritmo e afinação e, como consequência aos que ingressariam no curso de graduação em música futuramente, se sentissem mais seguros em relação a percepção e que a inserção desses novos alunos na universidade não fosse tão “sofrida” quanto foi a minha.

Então, o que me fez ir à Grota partiu da sua inserção na universidade e quando a Marluce me perguntou o que a UNIRIO oferecia para os cotistas. Daí, quando ela me perguntou isso eu falei: Bom, eu já fiz alguma coisa pra pessoas de outras localidades que vinham pra UNIRIO, localidades menos favorecidas economicamente e socialmente [...] já que eu tinha visto que as pessoas não tinham possibilidade de chegar até a universidade, o ideal é que eu fosse nessas localidades e, como você é da Grota do Surucucu, você foi o ponto que me facilitou a entrada lá (na Grota). (Adriana Miana, em entrevista. 21|09|2016).

Além dessas aulas de percepção musical no projeto de extensão, eu e mais 5 alunos do ECG tínhamos aulas de violino com Marluce Ferreira. Marluce é violinista do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, formada em violino na cidade de São Paulo e no primeiro semestre de 2013 ingressou na UNIRIO para cursar Licenciatura em Música, mesmo ano que ingressei na universidade. Fazíamos a disciplina PEM I (percepção musical) na mesma turma e ao verificar a minha angustia com relação aos conteúdos

¹⁰ Vide foto em anexo

abordados e trabalhados, Marluce tomou a iniciativa de perguntar a professora “O que a universidade oferece para a inserção dos cotistas? ”, por isto ela foi uma pessoa importante para o início do projeto de extensão *Percepção* pois através desta indagação foi que a professora Adriana Miana teve a ideia de elaborar o projeto. Após a Adriana perguntar a professora de violino da UNIRIO, Mariana Salles, sobre algum aluno ou monitor que pudesse dar aulas de violino no projeto de extensão, a professora Adriana sugeriu a participação da violinista Marluce por sua experiência profissional e por ter sido uma pessoa que se disponibilizou a ajudar os colegas de sala em relação aos conteúdos da disciplina percepção, a partir daí Marluce tornou-se atuante como professora convidada do projeto de extensão universitária Violino ministrando aulas de instrumento junto às aulas de percepção.

[...] conjuntamente, a Marluce começou a trabalhar com violino porque vocês trabalham com orquestra de cordas, [...] trabalhar a questão da afinação e da técnica pra que tenham um melhor resultado sonoro e a percepção, que é uma disciplina meio, consolidando e fazendo as pontes entre a performance e a parte da sistematização que eu sei que a Lenora faz muito bem e eu acredito que a teoria faz mais sentido com a percepção dentro da performance. (Adriana Miana, em entrevista. 21|09|2016).

Partindo da ideia de que “a teoria faz mais sentido com a percepção dentro da performance”, a professora Adriana diz que sua “intenção é não pedir tanto na questão da sistematização, mas pedir mais na consolidação de alguns conhecimentos” e descreve um exemplo de atividade possível para que essa interligação entre teoria da música e percepção aconteça, de acordo com a realidade de prática de orquestra recorrente dentro do ECG.

Por exemplo, nas escalas e armaduras, talvez fosse interessante consolidar mais porque as vezes a pessoa digitaliza no instrumento, mas não sabe por que que está fazendo aquilo. Então qualquer coisa que saia dali as vezes pega a pessoa desprevenida. Outra questão, da modulação, poderia ser trabalhado mais com a orquestra. Quando modulasse de um tom para outro tom, o próprio regente poderia chamar atenção dos instrumentistas sobre aquilo, sobre aquele conteúdo e então aí eu acho que ia ficar bem linkado. Isso não é a garantia de nenhum sucesso, mas é uma tentativa de uma coesão entre os conteúdos. (Adriana Miana, em entrevista. 21\09\2016).

Um ponto a ser mostrado dentro desse curso de percepção é a estrutura criada e de que forma são abordados esses conteúdos durante as aulas do projeto de extensão. Em entrevista, Adriana descreve algumas dessas atividades.

Teve um encontro que a gente escreveu no quadro uma melodia folclórica e eu fui trabalhando com eles um modo que eu acho bom de trabalhar. Primeiro perceba o pulso, qual é o compasso, quantos

compassos são, quantas frases tem, quais as alturas que caem na cabeça do compasso, geralmente são as notas reais, as notas que fazem parte da harmonia, se tem passagem, se tem bordadura, arpejo, e aí escreve toda melodia e depois coloca a harmonia. Teve algumas vezes que eu pedi pra eles levarem os instrumentos para eles tocarem. Tem uma coisa que é tocar o acorde e pedir para cantar 154321 e eu pedi pra eles fazerem isso no violino, afinado, e a gente teve também que trabalhar isso (a afinação) e eu vou trabalhando com essas questões. (Adriana Miana, em entrevista. 21|09|2016).

Ao decorrer da nossa entrevista, Adriana conta como acontecem as escolhas dos conteúdos que são trabalhados e desenvolvidos durante as aulas da extensão: “Eu sou uma pessoa de fora daquele contexto e estou entrando pra auxiliar aquele contexto, então eu não posso falar o que deve ser trabalhado, eu tento compreender o todo pra eu me inserir melhor dentro daquele todo.” e comenta que “O que eu tenho percebido é que eles trazem algumas questões de formação de tétrades, de modulação, mas eles não tem uma compreensão auditiva daquilo.” (Adriana Miana, em entrevista. 21|09|2016).

Como proposta para os encontros de percepção musical proporcionado dentro do ECG, vale destacar o que:

Eu não tenho um objetivo final com eles, eu tenho um objetivo meio. Quanto mais eles tiverem interligando os conhecimentos de teoria com a orquestra e também conseguindo realizar pelo canto e pela escrita... eu acho isso maravilhoso. Esse é o meu ponto. (Adriana Miana, em entrevista. 21|09|2016).

Um semestre depois de iniciado o projeto *percepção* e de ter sido ajudado pelas atividades desenvolvidas neste projeto, me tornei bolsista de extensão, por um convite da professora Adriana, para ajudar outros alunos oriundos de projetos sociais que compartilhavam da mesma dificuldade que eu tinha quando ingressei na universidade e, vale dizer que, essas dificuldades estão sanadas hoje. Como bolsista da *Percepção* realizo um trabalho de auxílio aos alunos do ECG, a comunidade atendida pelo projeto de extensão fora da universidade, e em algumas ocasiões, fazendo a substituição da professora Adriana em casos excepcionais ministrando as aulas com uma orientação prévia e um suporte de material didático criado especialmente para o desenvolvimento do projeto. Além dessas aulas, sou responsável por um grupo de estudos específicos para os alunos do ECG que desejam ingressar na universidade para o curso de música, fazendo uma preparação objetivada para realização do THE da UNIRIO.

Também como bolsista e participante do projeto de extensão *percepção*, pude desenvolver minha própria habilidade de percepção musical e consolidação dos conteúdos exigidos dentro das disciplinas no curso de graduação em música, o que foi

essencial para o meu desenvolvimento como estudante, músico e além disso, fundamental para a minha permanência na graduação.

É importante salientar que todo esse trabalho de percepção musical desenvolvido no ECG foi inspiração direta para Adriana Miana iniciar uma pesquisa de doutorado junto a UNIRIO sobre as mudanças ocorridas neste espaço a partir das ações do projeto extensão *Percepção* sendo o objeto de estudo os próprios alunos do ECG que participam do curso de percepção musical, numa metodologia de pesquisa-ação que ao ser concluída será felizmente somada à literatura produzida sobre o Espaço Cultural da Grotta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descoberta e constatação dessa possibilidade de inclusão social e inserção na universidade foi fundamental na minha vida. Eu pude perceber que por esse caminho poderia chegar num lugar pouco provável, afinal, eu nasci num ambiente onde as pessoas não tem muitas oportunidades, fui aluno da educação pública a vida inteira, cursei toda educação básica nos famosos “Brizolões” onde ainda hoje se ouve um trocadilho: “Brizolão, entra burro e sai ladrão”. Cresci ouvindo dos professores que deveria estudar numa universidade pública federal e que precisaria estudar muito pra conseguir isso; ao mesmo tempo ouvia das pessoas de fora que quem estuda em “Brizolão” não consegue nem fazer faculdade.

Apesar de todos esses paradigmas, o Espaço Cultural da Grotta me mostrou que eu era capaz de alcançar o inalcançável e antes mesmo de terminar o curso técnico no Conservatório de Música do Estado do Rio de Janeiro eu prestei vestibular e fui apto nos Testes de Habilidade Específica (THE) das três principais universidades da cidade do Rio de Janeiro, UFRJ, UNIRIO e CBM-CEU, e com a realização deste trabalho concluo o curso de Licenciatura em Música na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Acredito que se a experiência do ECG através do Multiplicando Talentos não tivesse chegado até mim, eu provavelmente não conseguiria superar os obstáculos da minha realidade social e reagir contra todas essas “expectativas de vida”. O que o meu meio social projetava era que no máximo concluísse o ensino médio e que trabalhasse para o sustento imediato, considerando o lugar que nasci, minha classe social e as escolas que estudei.

De tal modo, os projetos sociais em música podem ser considerados como um importante veículo sócio-educativo quando desenvolvidos de forma significativa e contextualizada com a realidade social de seu público, visto que têm alcançado relevantes resultados musicais e socioculturais junto aos indivíduos envolvidos. (RIBEIRO, 2012, p.11).

Eu não sou o único a ter mudado de vida, há muitos outros alunos em instituições privadas e públicas de ensino superior em música.

Vejo que a grande importância dos projetos sociais é mostrar alternativas para o futuro, construindo novas possibilidades de carreira àqueles que não enxergavam oportunidades através das dificuldades vividas em seu meio social.

É claro perceber também e enfatizar que não há nenhuma obrigatoriedade para que os alunos sejam músicos, visto que há outros que escolheram carreiras diferentes, mas a música foi o carro chefe na experiência do ECG, permitindo que a inclusão social acontecesse. Outros alunos que não optaram por música cursam hoje administração, pedagogia, física, história, entre outros cursos universitários.

É importante ressaltar também que o projeto de extensão *Percepção* foi fundamental para uma reinvenção das práticas de estudos e estrutura dos conteúdos abordados junto aos alunos do ECG e com isto mais pesquisas na área de educação musical com objetivo de consolidar a teoria da música com os conteúdos perceptivos devem ser incentivadas para alunos de música, principalmente em projetos sociais que visam uma inserção social com possibilidade de ingresso em universidades.

A contribuição da universidade para esses espaços sociais e seus alunos, especialmente o ECG, é direta no sentido de aperfeiçoamento profissional e melhora nas atividades oferecidas dentro do projeto, pois considerando que depois de formados na graduação em música os ex-alunos continuam atuando como professores no ECG. Em contrapartida, o ECG exerce papel de grande relevância na realização do projeto de extensão universitário *percepção*, sendo campo de pesquisa para a professora e para os bolsistas de extensão um aperfeiçoamento didático e profissional.

Fora do local de trabalho original desses alunos formados nos cursos de graduação, o mercado profissional sofre um processo de grande ampliação, tais alunos passam a trabalhar também em instituições escolares privadas, em sua maioria, exercendo a prática docente pelo grau obtido na graduação em música atuando como professor nas escolas. No âmbito das instituições públicas, eu sou o primeiro aluno do ECG, que viveu todo processo de formação oferecido na ONG, me formo pela UNIRIO e sou aprovado num concurso para professor da prefeitura do Rio de Janeiro, no fim do ano de 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- < <http://www.espacoculturaldagrota.org.br/new/historico.php> >, acesso em 11/12/2016.
- A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro / Magali Oliveira Kleber. – Porto Alegre, 2006.
- FARAH, Carlos Alberto. Entrevista realizada no Núcleo da Orquestra de Cordas da Grota em Apolo II. Itaboraí, 2016. Aplicativo de smartphone (20 min).
- FARIA, Adriana Miana. Entrevista realizada em própria residência. Rio de Janeiro, 2016. Aplicativo de smartphone (80 min).
- GADELHA, Wagner Mendonça. Maestro ao pé da letra – um estudo de caso sobre o trabalho como regente na orquestra de cordas da grota. 2014. Monografia (Licenciatura em Música) – Escola de Música da UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, 43-51, mar. 2004.
- Kleber, Magali Oliveira.
- KLEBER, Magali Oliveira. A rede de sociabilidade em projetos sociais e o processo pedagógico-musical. REVISTA DA ABEM | Londrina | v.19 | n.26 | 37-46 | jul.dez 2011.
- KLEBER, Magali Oliveira. Educação musical e Educação musical e ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro. EM PAUTA - v. 17 - n. 29 - julho a dezembro de 2006
- KLEBER, Magali Oliveira. Terceiro setor, ONGs e projetos sociais em música: breves aspectos da inserção no campo empírico. Magali Oliveira Kleber (UFRGS / UEL). 2003.
- MENDES, Lenora Pinto. Entrevista realizada no Espaço Cultural da Grota. Niterói, 2016. Aplicativo de smartphone (20 min).
- MUÑOZ, Cifuentes, Gilda Katherine. (Re)pensar a educação: aportes possíveis a partir de uma análise de projetos educativos não escolares em contextos populares no Chile e no Brasil. \ Gilda Muñoz Cifuentes – 2016.
- OLIVEIRA, Igor Siqueira de. Formação do educador musical em ONGs: estudo de caso no Espaço Cultural da Grota. 2016. Monografia (Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- PACIEVITCH, Thaís. Inclusão Social. Disponível em <http://www.infoescola.com/sociologia/inclusao-social/>, último acesso em 28/11/2016.
- Parente: Anderson Pereira da Silva. O Ensino da Flauta Doce no Espaço Cultural da Grota: Um relato de Experiência. 2011. Monografia (licenciatura Plena em educação Artística – habilitação em Música) Conservatório Brasileiro de Música, centro Universitário.
- PENNA, Maura; BARROS, Olga Renalli Nascimento e ; MELLO, Marcel Ramalho de. Educação musical com função social: qualquer prática vale? REVISTA DA ABEM | Londrina | v.20 | n.27 | 65-78 | jan.jun 2012/74.
- PONTES, Cecília Miranda. Entrevista realizada no Núcleo da Orquestra de Cordas da Grota em Apolo II. Itaboraí, 2016. Aplicativo de smartphone (20 min).

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, 99-107, mar. 2004.

RIBEIRO, Raimundo Luiz. Inclusão através do projeto Música no Munim: musicalizando crianças e jovens / Raimundo Luiz Ribeiro. – 2012

SANTOS, Tamires Dias dos. Indústria cultural e formação: um estudo sobre o Espaço Cultural da Grotta a partir de Theodor Adorno / Tamires Dias dos Santos. – 2016.

SEABRA, Alexandra Melo Oliveira. A arte musical como transformação social: Orquestra de Cordas da Grotta. Rio de Janeiro, 2011.

SELLES, Júlia Mendes. Ensino de Música Sinfônica para jovens dos estratos subalternos: capital simbólico e controle social no capitalismo tardio / Júlia Mendes Selles. -2013.

Anexos

1

Projetos desenvolvidos no Espaço Cultural da Grotta



Depois de vários prêmios e reconhecimentos conquistados ao longo de seus 19 anos de formação, a **Orquestra de Cordas da Grotta** recebeu da municipalidade o título de **Patrimônio Imaterial de Niterói**.



Iniciada em 1995, suas conquistas e viagens pelo Brasil e ao exterior contribuem para alimentar o imaginário dos jovens músicos de vestirem a "camisa preta" da Orquestra de Cordas da Grotta.

Eles são estimulados a irem galgando os diversos níveis da Orquestra, de D a A, na medida em que conseguem executar os repertórios de maior dificuldade. Para melhorar seu desempenho musical, escolhem um instrumento (violino, viola ou violoncelo) e têm aulas de aperfeiçoamento. Têm, ainda, à disposição aulas de Teoria Musical.

CONJUNTO DE FLAUTAS DA GROTA

Os alunos com interesse em instrumentos de sopro podem se dedicar às flautas doces – tenor, baixo e soprano –, flauta transversa e clarinete.



MOBILIZANDO TALENTOS

Esse projeto é a porta de entrada das crianças e adolescentes com interesse em música, motivados pela possibilidade de ingresso na Orquestra de Cordas da Grotta. Tomam contato com a música, aprendem a ler partituras e a tocar flauta doce. Desenvolvem-se, assim, no domínio da linguagem musical, o que contribui para o desenvolvimento da sua criatividade, senso estético e pensamento abstrato.

INICIAÇÃO MUSICAL DE TALENTOS

Alunos tomam contato com a real possibilidade de se tornarem músicos, integrantes da Orquestra de Cordas da Grotta. Já há, então, um comprometimento maior dos alunos com o seu professor, passando a entender a necessidade de dedicar-se ao estudo para além da sala de aula, por isso levam para casa a flauta doce e, posteriormente, o violino.

FORMAÇÃO TÉCNICA EM MÚSICA

Os alunos da Orquestra "B" e "A", com pelo menos dois anos de Teoria Musical, bom aproveitamento e interesse em se tornarem professores de música têm a possibilidade de obter um Certificado de Nível Técnico conferido pelo Conservatório de Música do Estado do Rio de Janeiro, que reconhece a formação básica oferecida pelo ECG e complementa essa formação num período de dois anos. Têm reuniões com psicólogas nas quais são preparados no programa "Educar-se para Educar". E no segundo ano de formação é exigida a Prática de Sala de Aula em um dos Núcleos de Multiplicação. Visando a formalização profissional com independência, recebem orientação para se constituírem Micro Empreendedores Individuais – MEI, recebendo apoio até a emissão das respectivas NFSe – Notas Fiscais de Serviço eletrônicas, através do site da Prefeitura de Niterói.



OUTRAS ATIVIDADES

Sala de leitura Graçiliano Ramos com 500 títulos (1000 volumes) / Oficinas de contação de histórias / Oficinas de percussão / Oficinas de artes plásticas / Estúdio de Gravação / Pré-Vestibular Comunitário / Espaço para eventos culturais



● Espaço Cultural da Grota, no seu Programa MULTIPLICANDO TALENTOS, leva a experiência da Orquestra de Cordas da Grota a outras comunidades da cidade e de outros municípios, através de núcleos de replicagem dessa tecnologia social que desenvolve desde 1995.

Esse Programa já recebeu os seguintes prêmios: em 2006, o Cultura Nota 10; em 2011, o Rio Sociocultural, categoria Empreendedor Sociocultural; e em 2013, foi reconhecido e selecionado pela Fundação Banco do Brasil para seu Prêmio de Tecnologia Social.

Levar conhecimento musical aos alunos das escolas públicas, no contraturno escolar, através das aulas de musicalização, da leitura de partituras e do aprendizado dos instrumentos, desenvolve habilidades relacionadas à linguagem musical, como saber ouvir, memorizar e abstrair. E proporciona-lhes acesso a um conhecimento musical da música erudita, o que tradicionalmente lhes é negado pela ausência dessa disciplina na grade curricular, oferecendo-lhes novas oportunidades e novas perspectivas ligadas à música.

Núcleos de Multiplicação

Niterói

Badu - Casa de Pedro
Badu - CIEP
Badu - CEPAR
Ititioca
Morro do Cavalão
Morro do Estado
Preventório
São Pedro
Várzea

Maricá

Nova Friburgo

Itaboraí



O MULTIPLICANDO TALENTOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, para 2013, foi aprovado pelo MinC sob o nº PRONAC 131845, concedendo o benefício fiscal da Lei Rouanet às pessoas físicas e pessoas jurídicas que investirem nesse projeto, deduzindo essa aplicação do Imposto de Renda.

3

Histórico

Em 1995, músicos e educadores iniciaram um trabalho voluntário oferecendo a crianças e jovens da Grota do Surucucu, em Niterói, através da formação musical, uma oportunidade de desenvolvimento humano e social. O talento e a dedicação dos jovens levou-os a serem convidados para uma turnê ao Norte de Portugal. Começou a se formar a Orquestra de Cordas da Grota que, com visibilidade na mídia, passou a receber apoios de empresas com responsabilidade social, precisando para isso constituir em 2000, uma organização social sem fins lucrativos: RECICLARTE.

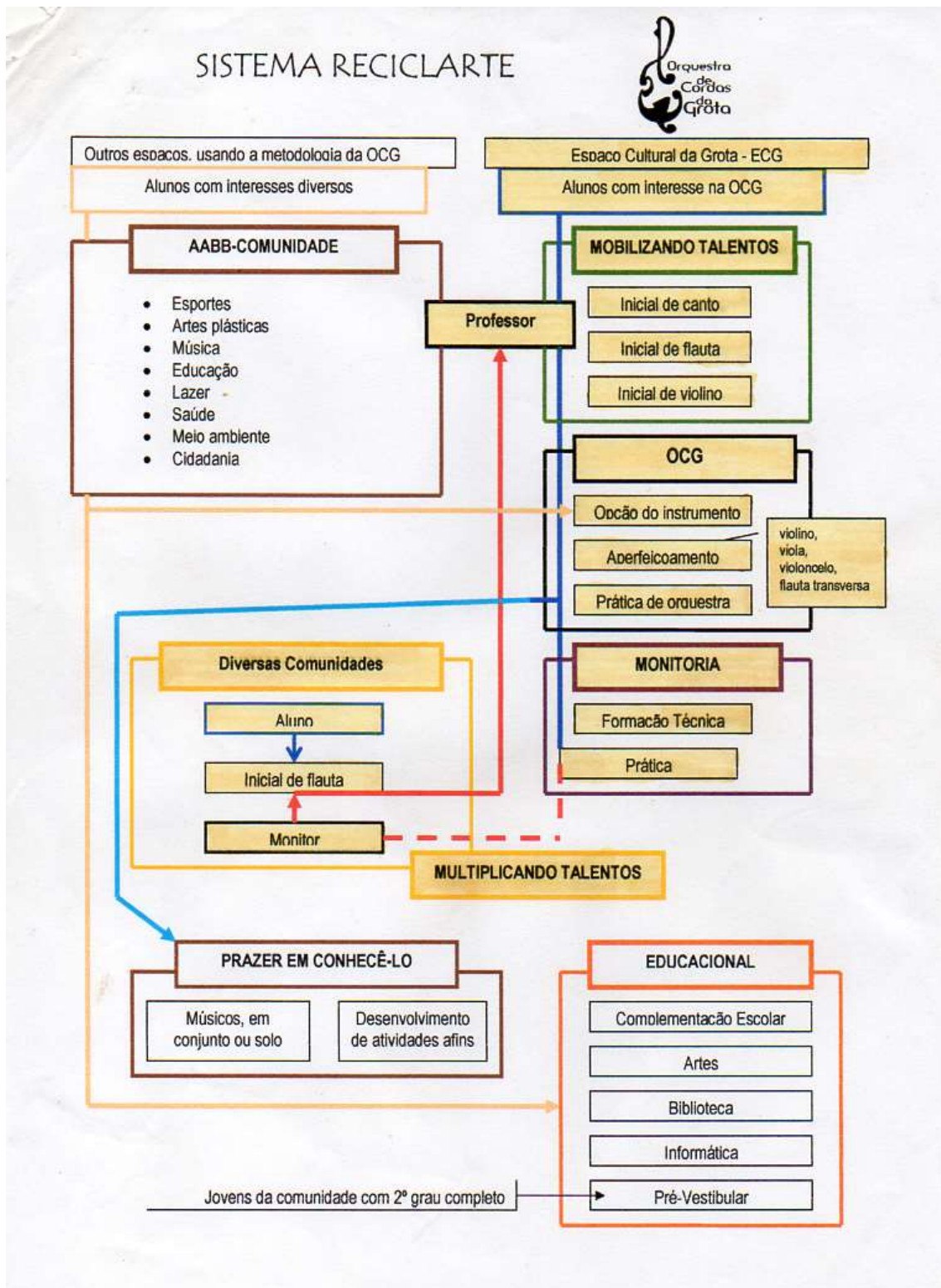
FOTO: MILLA PETRILLO

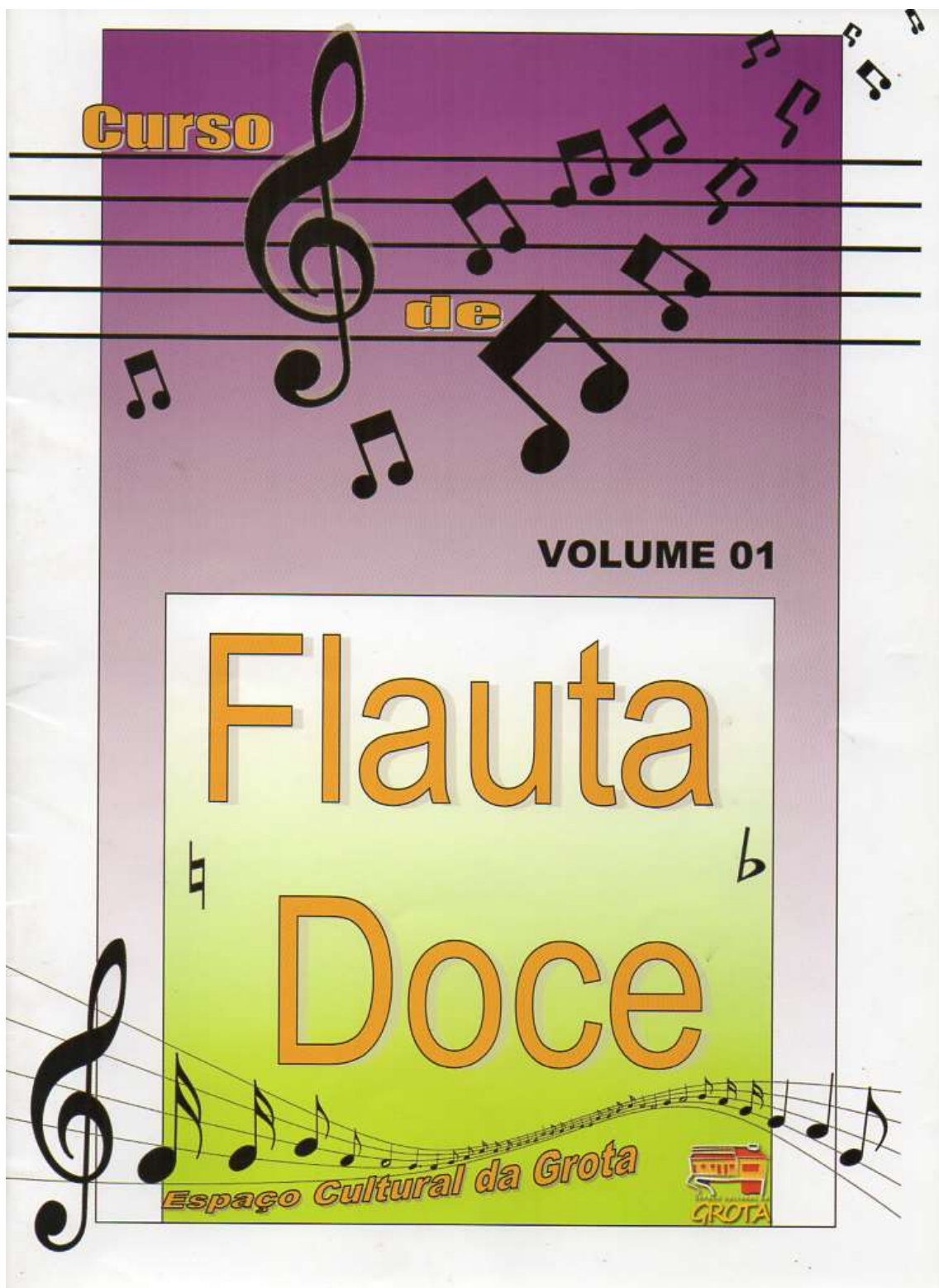
Missão

Mobilizar talentos, desenvolver habilidades e ampliar o universo de referências culturais em crianças, adolescentes e jovens das comunidades, para gerar oportunidades que permitam realizações pessoais e o exercício pleno da cidadania.

Hoje, com 120 integrantes, encanta platéias não apenas pela precisão que executam peças de Bach, Haendel e Vivaldi, mas também pela irreverência com que combinam a música clássica com instrumentos modernos de percussão e cordas, em releituras empolgantes de clássicos da MPB. No Brasil, já se apresentaram nos estados do Rio, São Paulo, Minas, Paraná e Distrito Federal. No exterior, em Portugal (Coimbra e outras) e nos EUA (New York).

Orquestra de Cordas da Grota





6



7









Percepção

Coordenadora: Adriana Miana de Faria
Bolsista: Elias Alves Amador
Voluntário: Igor Siqueira de Oliveira



O projeto "Percepção", que teve início no segundo semestre de 2013, oferece atividades de treinamento da audição e da emissão musical para jovens músicos oriundos de projetos sociais e para estudantes do sistema de reserva de vagas, cotistas.

Atende aos projetos localizados no bairro de São Mateus, em São João de Meriti - RJ; do morro Santa Marta e da Grotta do Surucucu, em São Francisco, Niterói - RJ.

Semanalmente, são realizadas oficinas onde

são apresentadas metodologias para o ensino da percepção além de estratégias para abordar conteúdos que são trabalhados com aqueles que se interessam e/ou precisam da leitura e escrita musical na sua atividade profissional.

Atualmente, participam 10 estudantes de licenciatura do IVL oriundos do sistema de reservas de vagas e ou de projetos sociais. O projeto ainda conta com 18 pessoas externas à universidade, participantes ou instrutores de projetos sociais.



